

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Officina Typographica
 Rua de S. Paulo 216

Domingo 1 de outubro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
 Provincias, 6 mezes 600 »
 Numero avulso 50 »
 Anuncios preço convencional

TIRO

VI concurso nacional de tiro, organizado pela sociedade «A Patriote de Marseille»

Começa no dia 5 e termina no dia 16 do corrente. Este concurso, por certo será um dos mais notaveis que esta associação faz. Os premios ascendem ao valor de 120.000 francos. Os atiradores teem 82 alvos, e teem transportes em omnibus de cinco em cinco minutos desde o centro da cidade de Marsella, até ao Campo de Tiro de Pharo, por 10 centimos!

O comité director tem-nos enviado varios exemplares de avisos convites, programmas, etc. Todos estes interessantes documentos teem distribuido pelas associações de tiro e de caça que existem em o nosso paiz.

Em carta que enviamos ao sr. A. Rolland dignissimo presidente de *La Patriote de Marseille* sollicitamos d'aquelle cavalheiro a honra de representar *O Tiro Civil* na grande festa da cidade de Marseilha.

LITTERATURA

Caçadas reas

(Continuado do n.º 170)

Não era quando, na grande sala de entrada — a do tecto apainelado com os retratos, de corpo inteiro, dos antepassados duques de Bragança — depois da noite bem dormida, e após a vespera dos jogos e da conversação amena, os caçadores, de manhã, se reuniam, á roda da chaminé acesa, esperando o almoço, em cavaco de alegres futilidades a que é propenso o portuguez.

Não era quando assentados á profusa meza de flôres e crystaes, na magestosa sala, guarneçada, paredes e lustres, de armaduras de veados e gamos, em convívio franco aguçavam o paladar na habitual canja, no proverbial coelho com arroz e mais succulentos pratos até ao gamo assado, entremeando-os com o rutilante vinho em saudes, silenciosas, á nossa.

Nem, depois, quando o estomago repleto, os reis á frente, a comitiva, atravez das salas, descia a escadaria de marmore — a das paredes de não primorosos frescos — e se encaminhava para as carruagens a tomar assento n'ellas e nos pesados *char-à-bancs* inglezes, do tempo de D. Maria II, aos toques de trombeta da formada guarda.

Não era tambem quando, ao som dos repicados sinos, se atravessava a villa, ao

rapido trote das ligeiras e rijas mulas de Alter.

Nem ao chegar á tapada, no alto, á entrada, distraido o espirito com a vista dos horizontes largos, a mostrarem, sob as ramadas dos solitarios e grandes pinheiros mansos, as montanhas de Hespanha, ao longe, com os pincaros cobertos de neve. E na descida, e nas voltas da macadamizada estrada, nem vendo já os pobres brutos, nas renovadas paisagens mais restrictas,

da casa, as espingardas e os cartuxos, pensava então, sim, n'elles mas não ainda para os lamentar; e espalhados os atiradores pelo espaçoso valle, povoado dos seculares sobreiros, a capella ao fundo, a alvejar no alto, o sol radiante a não permittir tristezas, nas portas os reis, as rainhas, as senhoras, todos esperando ansiosos a caça, cada qual só pensava em matal-os, só sonhava na gloria do maior numero de victimas que, na competencia, lhe poderia caber!

Accorda o silencio dos campos com a vosearia da batida; accodem ás esperas, um pouco ás furtas, as mais presentidas rezes: pequenos grupos de veados e cervas, gamos e gamelas. Rompem os primeiros tiros, caem algumas agonisantes, outras fogem estropiadas; seguem-se-lhe mais e em maior numero, em cordão transpondo o valle ou percorrendo-o ao longo; amudam-se os tiros que os echos redobram em fuzilaria constante; as balas sibillando cortam-lhes a vida, ou perdem-se nas arvores, ouvindo-se o secco choque.

N'estes momentos vibre quem poder na alma outro sentimento que não seja o da lucta! E' incerne, sim, o inimigo; mas o cruel instincto não faz distincção, mata por matar.

Acabada a batida, ao examinar os moribundos bichos, vendo-lhes os olhos marejados de lagrimas e ouvindo-os gemer em dolorido choro, as facas de matto enterradas no peito acabando-os, ás senhoras acudirá, mais extremosas e verdadeiras no sentir, que sempre é barbaresco caçar.

O caçador pensará n'esse momento quanto preferivel é, a sós — porque o caçador pen-de a solitario — ou com dois companheiros, (admittamos tres o muito) não soffregos e bem disciplinados no saber, procurar a caça livre, por montes e valles abertos e sem limites, e, com a consciencia tão clara como o claro dia, em goso intimo e sem vaidades, atirar-lhe, de variado e dextro modo, matando-a prompto, e com o menor soffrimento, se ferida lh'a traz á mão o bem ensinado



Ricardo Garcia y Gomez

Membro da direcção do *Real Club do Porto*, representante e correspondente de *O Tiro Civil* na cidade do Porto

pastando nos relvosos prados, occorriam ideias que não fossem idyllios.

Mas chegados a S. Eustaquio, passada a multidão dos batedores: gente a pé — essa boa gente alemtejana que n'outro quadro já pintei — e a cavallo — soldados, pau para toda a obra — ao tomar dos caçadores

cão.

Não exijam mais do coração d'elle, e isto já não é pouco.

Por outro sentimento, que não chamarei inveja porque nos caçadores só deve

haver rivalidades, ou por ignorancia, mal-dizem d'estas caçadas alguns, acoimando-as de falta de arte e de destreza.

Enganam-se os que, de boa fé, assim o julgam.

A caça, depois das primeiras batidas, é esquivada e rapida; como a livre, dá saltos e carreiras eguaes. Para a descobrir, é certo, não se torna necessario o mesmo trabalho e cuidado; mas como n'aquella tem de attender-se ao vento, á querença, e ao mais de que depende o exito de qualquer batida.

E quanto ao tiro, basta só não se admittir mais de um projectil, nem atirar á caça antes de passadas as portas, para o tornar mais difficil, do que á caça livre, onde se empregam quantos projectis se querem, e se atira a deixal-a approximar á queima roupa, quasi.

Com as armas de precisão, as mais geralmente ali usadas, a trajectoria da bala, por muito tensa que seja, augmenta a difficuldade da pontaria, e a maior certeza que deveria dar a frequencia dos tiros e a segurança de que á rez errada breve se substitue outra, não a deixam alcançar os excitados nervos na competencia dos repetidos e soffregos disparos dos aglomerados atiradores nas proprias e visinhas portas.

Não escasseiavam pois os errados tiros, mesmo aos melhores atiradores, e com que surpresa para os que, vaidosos, assim se julgavam!

Haja vista os dez gamos, perto e facéis, errados seguidos, pelo, apesar do genio, sempre bom companheiro meu de antigas caçadas, o O. S., caçador de primeira ordem ás narcejas e a toda a caça, que não admittindo a possibilidade de os ter falhado com a sua precisa *Railey express*, queria, fossem ao canhenho, como mortos, não tendo ficado nenhum!

E os gamos que se matam, apesar de prohibido atirar-lhes, com as balas que se destinam ás gamelas que os precedem?

E os densos bandos em que a intensa fuzilaria em tão grande alvo deixa raros caídos — quando os deixa?

Balas havia que além de surpresa causavam susto. Por exemplo, a que interrompeu a caçada com a exclamação vehemente que arrancou a El-Rei, ao passar-lhe por cima da cabeça n'um cantar profundo, (depois de sulcar o chão um passo, se tanto, distante de mim). As que fizeram chover sobre a Rainha as folhas da arvore a que se abrigára; e tantas outras que de ricochete nos sobreiros e nas pedras se desviavam, sybillando, na direcção dos batedores; nenhuma felizmente de consequencias desastrosas.

E não eram de nenhum estas vagabundas, como eram de todos as que acertavam nos bichos. A que matára o veado manso dos mansos, o do guiso ao pescoço, que vinha comer á mão do guarda é que, por excepção, ninguém quiz contada a si!

Nem da porta de El-Rei, onde só elle atirava ou quem elle permittia, partiam tiros incontestaveis. Já iam longe os tempos em que os Reis não erravam.

Passára á historia o caçador que emendava a mão ao Rei e carregava com a culpa do tiro errado. O ultimo conheci eu ainda, velho e doente já; o Antonio Severino — a quem ouvi recordar com saudade que facilmente fizera um cinto de 30 perdizes, sem quasi as procurar, da Ajuda a Queluz, ou nos terrenos então coutados.

Hoje o Rei erra como qualquer outro mortal, mas na caça não tem responsaveis dos seus actos como no governo.

D'antes, para prestigio da corôa, escon-

diam-lhe os defeitos e exaltavam-lhe as qualidades boas; agora, querem que elle tenha virtudes só, mas encobrem-lh'as, e um defeito que appareça não lh'o desculpam e apregoam-n'o. Um tiro que erre apaga todos os acertados.

Pois alguns certos da firme espingarda do sr. D. Luiz, e da mais segura do actual Rei, eu vi que difficilmente se apagam. Nunca esquecerei uns extraordinarios, do primeiro, em Villa Viçosa, com a espingarda italiana de dois pares de canos sobre-postos, a quatro veados na carreira, aos saltos, acertados, seguidos na espadua, em todos, deixando-os logo mortos.

E quantos, de outros, anonymos a maior parte ou pela condescendencia de uns jogando com a vaidade de outros, levados ao registo com indevido nome havia dignos de serem cotados alto em toda a parte!

Os difficilimos aos isolados veados ou gamos a atravessar, em angulo recto á pontaria, longe, de lado a lado do valle de S. Eustaquio, que precisam apontados um metro adiante pelo menos, (como experimentei) e acompanhados na linha curva dos saltos: tiros de acaso, quando a bala acerta mortal na cabeça ou espadua.

Os difficéis, distantes, á caça galgando a encosta e em que só se acerta encobrindo-a na pontaria.

E os firmísimos de grande alcance á parada em que o desvio de uma linha influe, para a errar; tiros em que o sr. D. Pedro v era insigne e o procuraram egualar seus successores.

Nem entram na categoria dos facéis os acertados, perto, na carreira á caça enviuzada, em que a bala, aos que não sabem, passa alta ou ao lado do diminuido alvo.

(Continua).

O CALVARIO DE RENNES

da heroica madame Dreyfus.

O' nobre França, mãe da Liberdade, tão grande pelo genio e coração! com o Amor, a Justiça e a Igualdade formaste outr'ora um fulgido brazão.

Tem sido esse o fanal do mundo inteiro!... Olhos fitos na luz que elle irradiava, caminhou a Razão, desde o primeiro clarão d'aurora que annunciou o dia.

Hoje do teu alcázar no fastigio ha quem queira esculpir, para teu mal, como timbre, uma espada sem prestigio nas roscas da serpente clerical.

Não consintas! No teu brazão fulgente, na tua espada, lábaro sagrado, mostra, impavida, ao mundo reverente as conquistas e as glorias do passado!

Não consintas que vis paixões odiosas vão macular de sangue, e fel, e pus as palmas viridentes e gloriosas dos heroes de Jemappes e de Fleurus.

Repara que revives, na desgraça, luctas que a Ideia reputou por terra: — luctas de religião, luctas de raça, odios de classe alimentando a guerra!

Repara que renegas teu passado pondo a sotaina de anteparo á luz, de carcereiro á Honra o teu soldado, e a Justiça nos braços d'uma cruz!

Quem jámais poderia ter previsto de novo este tão lugubre sudario?... Dreyfus revive as lagrimas de Christo e o tribunal de Rennes o Calvario!

Nobre França, renasce no teu brilho! resurge para o Amor e para o Bem! Quero-te muito, porque sou teu filho, ó mãe da Liberdade, augusta mãe!

Mostra como inda é grande o teu soldado! tua consciencia, arranca-a ao fanatismo! Como contraste ao lustre do passado, Rennes, apoz Sedan, seria o abysmo!

Sê, como foste outr'ora, a nobre signa, em torno á qual o mundo se juntou. Perante o mundo, ergue-te ativa e digna!... Rennes é bem peor que Waterloo!

De ti arreda, com a mão possante, vis paixões que não são da nossa idade. Rennes é o despotismo triumphante, com a mascara servil da Liberdade.

Rennes é a tyrania das casernas! é o odio e a guerra em nome de Jesus!... França, amordaça as feras nas cavernas, e ergue de novo o teu pendão de luz!

Setembro, 1899.

CHRISTOVAM AYRES.

Do nosso collega *O Seculo*. Christovam Ayres é um illustre official do exercito portuguez.

Bibliographia Critica

CAÇADAS PORTUGUEZAS

PAIZAGENS — FIGURAS DO CAMPO

POR

Zacharias d'Aça

(Continuado do n.º 167)

Tudo entre nós está atrazado — até o reclamo dos editores ás obras que publicam! O livro é annunciado parcamente, quando é posto á venda, e depois... moita! Os senhores negociantes de papel impresso ficam na sua casa, á espera do publico. Quando este brilha pela sua ausencia, porque a obra não lhe agrada, lá apparecem umas noticiastas aqui e acolá, chamando o leitor rebelde; mas se ella é das que encontram facilmente compradores, então o capital empatado está seguro, está todos os dias a voltar para casa, e na colla d'elle lá se vê já o juro... Uma festa, — um bom negocio. Chega á boa hora. Vem para descontar nas *perdizes*, que lhe estão ornando as prateleiras e peijando os armazens.

Então — dirá o leitor — manda a gratidão, e tambem a propria conveniencia, que se fale na *rara avis*, no bom livro que o publico compra e lê — para que elle não o esqueça.

— Pois, meu caro senhor, então é que com certeza não se ouve mais boquejar em tal!

— O publico gostou... Elle cá virá. Escuso de gastar dinheiro em annuncios. Isso guardo eu para os que não se vendem.

Assim pensa o sr. editor, e, se não o diz, fal-o com certeza. Reembolsado do capital, seguro o seu juro — do auctor não se preoccupa... Este que faça outro livro — para elle editor continuar a ser benemerito das letras patrias, e para dar trabalho aos seus typographos!

* * *

Ha tempos, abrindo um livro inglez d'aquellas elegantes edições de Tauchnitz, de Leipzig, achámos dentro um cartãozito, que tinha tres applicações — era signal, abria o livro, porque era forte, e recomendava cinco ou seis obras d'aquella casa editora! E ainda por cima recreava a vista, com a sua floreada cercadura! O texto era a transcripção das apreciações dos jornaes inglezes mais lidos e litterarios, muito curtas, mas muito bem feitas para excitar o appetite dos leitores.

O desenho, a composição, e o cartão custaram dinheiro, é certo; mas quanto renderão aquelles papelinhos? Eu, por

mim, o avalio: dos livros annunciados em um desses *book-mark*, e cuja existencia eu ignorava, já comprei dois.

Esta especie de chamariz, que vem ter connosco, cantando os louvores dos contos e das novellas estrangeiras, não sabemos quem a inventou, mas já tem alguns annos de existencia. Quem a imitou entre nós?

Foi isto que nos suggeriu a idéa de transcrever aqui os artigos e noticias dos jornaes de Lisboa e do Porto, que, em termos muito elogiosos, apreciaram o livro das *Caçadas*, do nosso collega e amigo.

Vejamos o que diz o *Diario de Noticias*, de Lisboa. — Noticia do dr. Alfredo da Cunha:

Um livro verdadeiramente encantador, este que o sr. Zacharias d'Aça acaba de dar a lume.

Escriptor de mui subido quilate, e possuindo o mais requintado bom gosto artistico, transformando as suas caçadas em quadros, cheios de vida e de movimento, em que as tintas do colorido descendem o aere, mas suave, perfume dos campos e dos montes, e o desenho, d'uma correção impecavel, nos apresenta figuras tão bem estudadas, que chegam a produzir a impressão do natural.

Livro para artistas e poetas, embora sobremodo interessante para amadores de cynegetica, as *Caçadas Portuguezas* do sr. Zacharias d'Aça teem uma feição tão original e um sabor tão portuguez, que delicia quem as lê.

Finalmente, é um bom livro, com que a secção editorial da Companhia Nacional Editora enriqueceu a sua opulenta collecção.

O Seculo. — (Arthur de Mello):

Póde ser-se um bom caçador no matto, carregar-se, a meia encosta, com muito vagar, uma banda de perdizes, ou rastejar-se com mais precisão um javali, em chão rijo; mas escrever-se em assumptos d'esta ordem com maior somma de conhecimentos, com maior enthusiasmo e colorido do que o fez Zacharias d'Aça, não é facil.

Innegavelmente, Zacharias d'Aça é, de ha muito, considerado o nosso primelro escriptor no genero.

Que bellas e interessantes narrativas elle nos dá nas *Caçadas Portuguezas*! Nasce-se caçador, como se nasce poeta, como se nasce orador: diz elle na sua bella obra: — fazem-se caçadores, diremos nós, lendo as *Caçadas Portuguezas*.

E, como se não bastasse por si só a belleza do estylo, o apropriado da linguagem, a graça da descripção, para serem ainda mais interessantes as *Caçadas Portuguezas*, figuram nellas os nomes dos caçadores mais notaveis do seu tempo.

Assim, Raymundo de Bulhão Pato, Lopes Cabral, Carlos e Jayme Bramão, dr. Avellar, dr. Manuel Bento de Sousa, João Lourenço, e outros apparecem ali em narrativa de caçadas, dando margem a contar episodios engraçadissimos.

A Turde. — (Alberto Bramão):

Uma boa noticia para os nossos leitores: está á venda nas principaes livrarias de Lisboa um livro, que acaba de sair, em primorosa edição, da Empresa Nacional Editora, com o titulo de *Caçadas Portuguezas*. Para se ajuizar do valor da obra basta dizer que é seu auctor Zacharias d'Aça, talento consummado nas lides litterarias, prosador de finas e poderosas faculdades, possuindo excepçoes dotes de observação, e sabendo revestir d'uma simples e encantadora linguagem todos os episodios interessantissimos, que nos conta.

Caçadas Portuguezas é um livro que não interessa apenas aos caçadores; estes hão de lel-o certamente com grande prazer, visto que o auctor é caçador tambem, e dos mais distinctos. Mas toda a gente que gosta de se deliciar com algumas horas de boa e sã leitura, encontrará n'esta obra completa satisfação, não só pelos primores meramente litterarios, como tambem pelos factos verdadeiros, pelas descripções magnificas, pelos episodios pittorescos, que encerra. Além d'isto, apparecem, n'este livro de Zacharias d'Aça, varias figuras interessantes, algumas que são hoje individualidades notaveis, e que, ha trinta annos, representavam a mais impetuosa e sympathica mocidade de Lisboa.

Todos estes attractivos justificam o exito enorme que ha de ter este livro, que traz, como chancellia de grande valor authentico, o nome de Zacharias d'Aça.

A manhã ou depois publicaremos um artigo

de Bulhão Pato, o grande poeta caçador, a respeito do auctor das *Caçadas Portuguezas*.

Diario Popular. — (Alberto Pimentel):

Dá prazer ler este livro; mais ainda — dá saude. Vive-se em pleno campo, ahi, respirando o ar forte dos montes e, ás vezes, do oceano. Sente a gente os pulmões mais dilatados, e o espirito como que levado pelo interesse de um bello assumpto, ao sabor das brisas saudaveis.

Zacharias d'Aça é um caçador de mão cheia, cujas narrativas seriam sempre attraentes, ainda quando os primores da linguagem, a facilidade e elegancia do estylo, o não auxiliassem tão prestimosamente. Mas o que elle é, em verdade, é um homem de letras, são e erudito, dentro da pelle de um caçador: tudo n'elle é bom — o caçador, o litterato e o homem.

Este livro, as *Caçadas Portuguezas*, deve andar agora de mão em mão por todos os solares da provincia, onde melhor poderá ser comprehendido cynegeticamente do que em Lisboa.

É um livro bem portuguez, para o qual não ha demarcação de provincias. Onde houver coelhos e lebres, e galleirões, ahi deverá ser lido, e poderá ser apreciado.

Nós cá, em Lisboa, estamos apenas habituados, salvas raras excepções, á caça ao emprego. Mas falamos muito de litteratura, porque Portugal é um paiz de academicos. Litterariamente, poderemos talvez apreciar este livro; mas, na sua apreciação, leva-nos vantagem a provincia, que é entendida no assumpto, e não o será por certo menos no valor litterario do livro, apesar de haver por lá mais caçadores do que academicos.

Ainda é uma das cousas que a provincia tem de bom.

Novidades. — (Eduardo de Noronha):

Um livro, portuguez pela pureza da linguagem e pelo proprio assumpto, em que as pessoas e as coisas são portuguezas, é uma raridade de tal ordem, que bem merecia as honras de artigo de fundo.

Como, porém, não queremos romper com as praxes estabelecidas, limitar-nos-hemos a dar noticia do seu titulo e nome do auctor, por julgarmos ser este bastante para affiançar por completo o interesse, que deve offerecer a quem quer o conheça, isto é, ao publico que ainda lê livros portuguezes.

Ahi vai, pois: *Caçadas Portuguezas*, por Zacharias d'Aça.

Mas, será bom dizelo, a penna do illustrado e esclarecido escriptor tem n'esta obra um esplendor de colorido e uma correção de desenho não vulgares, concorrendo assim para confirmar o justo renome de que goza e para o successo do livro, que decerto ha de ser grande.

Agradecemos o exemplar com que fomos distinguidos.

A Voz Publica. — (Porto):

Em todos os paizes civilizados da Europa tem merecido a cynegetica a maior sollicitude e protecção dos poderes publicos, mercê da influencia dos numerosos cultores e entusiastas d'uma arte, que tambem satisfaz ao conhecido preceito de Horacio — *Utile dulci*.

Em Portugal, porém, onde lhe falta estimulo, e a deficiencia da legislação tanto concorre para mantel-a em estado rudimentar, primitivo, surge um escriptor de raça, observador e critico perspicaz, que maneja a espingarda como a propria penna, e aproveita os episodios das caçadas, em que tomou parte, em companhia de varios homens de subido valor nas letras e na sciencia, transporta-os para as paginas d'um livro e compõe verdadeiros quadros de cavelete, que se vê serem pintados ao ar livre, em frente do natural, e cuja limpidez deixa evolvar o perfume dos trigaes e das giestas.

Esses deliciosos quadros, todos elles subordinados ao titulo de *Caçadas Portuguezas*, são uma affirmação mais do talento e delicadeza de gosto litterario do sr. Zacharias d'Aça, os quaes não só hão de ficar como modelo no seu genero, mas ainda concorrer para o desenvolvimento e propaganda da arte da caça, para a qual o homem revela tendencia ingenta.

Felicitando o primoroso escriptor lisbonense pelo seu novo livro, fazemos votos pela repetição de joias litterarias como esta, com que a secção editorial da Companhia Nacional Editora nos mimoseou.

O Jornal de Noticias. — (Porto):

Firmado por um nome que goza da mais alta reputação na republica das letras portuguezas, acabamos de receber um interessante livro, que já podemos recomendar sem restricções,

porque a leitura d'um simples capitulo, ao acaso, nos obrigou a ler todo o volume, deixando-nos a doce impressão, que só as obras dos mestres conseguem produzir.

As *Caçadas Portuguezas* — assim se intitula a obra — mostram evidentemente queo bem fundados são os merecimentos do seu auctor, sr. Zacharias d'Aça, como critico de arte e escriptor vernaculo e elegante, pois aproveitou o assumpto, de maneira a tornar-o attraente até para aquellos que teem horror á espingarda.

São paizagens, quadros da vida cynegetica e do campo, os formosos capitulos d'essa obra, cuja feição inteiramente nova lhe duplica o valor.

A Tribuna. — (Dr. Trindade Coelho):

Este é dos taes de quem se não pode escrever sem fallar dos ricos-homens da litteratura portugueza d'este seculo: Castilho, com quem privou; Herculano, que d'elle era amigo; Garrett, que elle amava. E se dissermos que de todos elle herdou qualidades litterarias, e que o seu proprio character, e até o seu proprio trajar, teem o que quer que seja de *fira d'este tempo*, que o approxima do tempo d'aquelles, teremos, simultaneamente, assignalado a valiosa originalidade do livro, e esboçado, para as devoções de alheios espiritos, a figura de quem o escreveu.

Moço, todavia, esse bom e querido Zacharias d'Aça! Mas se, n'essa bella mocidade, que espelne no seu physico n'uma apparencia massiça de saude, e que me dá, do seu arcaico, a sensação forte, a sensação confiante, d'um tronco de sobreiro plantado em pleno Chiado, ha muito das virtudes physicas da nossa raça, — n'ella não tem menor parte (quer seja d'essas virtudes physicas um producto, que a lepra do meio não contaminou, quer um acto da vontade, inspirada em razões de character moral) a saude d'alma de Zacharias d'Aça. E é precisamente essa saude d'alma, a sua frugalidade, a sua simplicidade, a sua lizeza, que parece que já não são d'este tempo, ou ao menos d'este meio, o que lhe dá junto de nós, escriptores, artistas, poetas, cuja companhia elle prefere a todas, por ser, elle proprio, uma figura viva, uma figura nobre d'essa galeria, — o que lhe dá junto de nós, digo, aquella somma de pittoresco e de originalidade, que faz interessantissima, onde quer que surja a sua figura, e pittoresca, onde quer que falle, a sua conversa.

Physicamente, elle é a sua propria definição moral, porque vel-o por fóra é conhecê-lo por dentro; — e se os que o conhecem, e leram as *Caçadas Portuguezas*, encontraram dentro d'este livro, como nos succedeu a nós, Zacharias d'Aça em corpo e alma, — hão-de estimar-o, por esse mesmo livro, o que o não conhecem, e sentir desejos, tão fortes como justificados, de lhe apertar a mão e de o abraçar.

Panorama variado de paizagens e figuras do campo, o livro de Zacharias d'Aça não se descreve; e se a natureza do proprio assumpto, só por si, é de molde a abrir deante do leitor, antes de se apegar ao elegante volume, perspectivas de inedito e de imprevisto, o leitor verificará, quando transposta a ultima pagina, que a expectativa foi excedida; e ao mesmo tempo que admirará n'essa prosa tersa, rija, e desempenhada avô da nossa, os cunhos dos dobrões antigos, mal comprehenderá a sensação deliciosa, sadia sim, mas repassada de ternura ao mesmo tempo, que se escôa, como um perfume ou como um veio, dos seus themas. Mas, n'essa sensação, ter-se-ha encontrado o leitor com a alma do livro, e percebido que é livro de poeta, esse que o sincero e amoroso convivio com a natureza encheu de sol e animo de vida, — do nosso sol e da nossa vida...

(Continúa).

X.

CAÇA

O Estrellado

No n.º 159 do *Tiro Civil*, em que demos a noticia de uma infelicissima caçada aos javalis, referimo-nos ao trabalho que nos tinha dado uma d'estas feras, para no fim se nos escapar a nado pelo rio *Lezere*; era o *Estrellado*, javário muito conhecido dos batedores e dos cães, apparecendo em quasi todas as batidas, mas tendo sempre arte para se escapar. Pois o *Estrellado*, que tantas vezes foi perseguido com todo o apparato cynegetico, acaba

de morrer miseravelmente com duas balas mandadas por uma caçadeira ferrugenta e velha, que o dono de um pedaço de milho lhe desfechou á queima-roupa, quando... guardava a sua pequena propriedade pelos estragos que dias antes lhe tinham feito o *Estrellado*, ou outros. Era um bello bicho, pesava 5 1/2 arrobas, segundo as noticias que tenho, pois que d'elle apenas me chegou ás mãos um lindo dente, que tem na sua convexidade 0^m,15 de comprimento.

Teem apparecido muitos javardos para os lados dos Padrões e Villar d'Amoreira, tanto nas margens do Zezere como do Unhaes. Sobem a 103 o numero de bichos mortos em 2 annos.

Não morre um de que não fique nota, porque ha povoações para aquelles sitios que andam *políticos*... não se as-tem os meus caros leitores que não é por se baterem regeneradores com progressistas, monarchicos com republicanos, socialistas com nihilistas, nada d'isso, e feliz gente, batem-se por causa dos javalis, e é por isso que andam *políticos*, como elles dizem. Um dia ha uma batida por um grupo de certa povoação, no outro dia ha logo outra d'outra povoação. Os cães de um lado não vão para o outro.

Nós e os nossos patricios não fazemos batidas senão no tempo defezo, não só porque o calor não o permite, mas porque temos felizmente bastante caça por aqui para nos entretermos, desferrando-nos assim, e com grande compensação, do rigor com que guardamos, e fazemos guardar aquelle tempo.

Castanheira de Pera—25-9-99.

ARTHUR BEBIANNO.

Associação dos caçadores portugueses

A commissão de Lisboa da secção de Portugal na Exposição Universal de 1900, em Paris, officiou a esta associação convidando-a a cooperar na secção de caça da mesma secção portuguesa.

—Foram admittidos socios da associação os srs. Alberto Carlos Feio Folque, Libanio da Silva, Ayres Barretto Martins d'Oliveira, Eduardo Salles e João Ferreira da Silva, lente do Instituto Geral de Agronomia, que fica a seu cuidado com o canil da associação.

E' uma aquisição, que ben prova, como a Associação trata os assumptos que mais podem interessar ao apuramento das raças caninas em o nosso paiz. E' caso para darmos os parabens aos amadores da arte venatoria.

—A cadella *Bliss* de *Meirelbeke*, da associação, teve no dia 19 do mez findo, uma ninhada de cachorros, sendo tres machos e quatro fêmeas, existindo só dois machos e duas fêmeas, por terem morrido as outras.

Bliss foi coberta pelo cão *Dach*, pertencente ao nosso bom amigo sr. Victorino da Silva Almada Junior, thesoureiro da Associação que o mandou vir do canil Aaron de Paris, e que é hoje um dos melhores exemplares que existem no paiz.

—Por estarem ausentes de Lisboa os srs. dr. Paulo Cancellia, presidente, em Anadia e Wasa de Andrade, vice-presidente, na Lourinhã, não tem havido sessões da direcção.

Diversas

No dia 26 do mez findo o nosso bom amigo Arthur de Mello, muito estimado collego de *O Seculo*, em companhia dos srs. Custodio Bizarro, Henrique da Silva, Celestino Stephanina e Julio Ribeiro, fizeram uma magnifica caçada na Azambuja.

Os nossos amigos e distinctos amadores abateam 52 rolas, 1 pato, 1 coderniz e 1 cyrão. Como S.^{to} Humberto protege os seus devotos.

—Os srs. conde da Ribeira, Dr. Afonso de Sousa e outros, mataram no dia 25 findo nos campos do Ribatejo 7 lebres.

—Num dos ultimos dias da semana passada, dois amigos nossos, entre Carcavellos e Oeiras, n'um bom ponto de passagem para as rolas, mataram 27 d'estas saborosas aves.

—São muitas as queixas de caçadores, que,

tendo agora n'esta epoca de tirar licença de caça, são obrigados a pagar por inteiro o sello e mais despesa até ao fim do anno, epoca em que caducam todas as licenças, ou veem-se forçadas a deixar de caçar até janeiro em que tiram licença de anno.

—Em Unhos, um rapaz de 20 annos, Baptista José indo á caça com uma espingarda de dois canos, parou conversando com um companheiro, poisou a espingarda no chão collocando a mão esquerda sobre a boca dos canos! distrahidamente deu com o pé nos cães, o tiro partiu dilacerando-lhe a mão.

Como é uso e costume, naturalmente a espingarda estava engatilhada; é mais uma desgraça a juntar a muitas outras.

O ferido veio para o Hospital de S. José onde lhe foi amputada a mão.

AS NOSSAS GRAVURAS

Ricardo Garcia y Gomez

Ha cerca de oito annos que o conhecemos, isto é, desde que se tornou adepto da velocipedia. O seu entusiasmo pelo *sport* é o seu genio empreendedor manifestarem-se logo á sua entrada para o Real Velo Club do Porto, onde tem uma brilhante folha de serviços, e o seu nome tanto apparece nas occasiões criticas por-



Raphael Bordallo Pinheiro

que tem passado aquella importante sociedade, como nos grandes certames por ella realizados. Ali tem desempenhado um grande numero de cargos: assim, foi nomeado sub-guia em 1896, secretario da assembléa geral em 1897 e director em 1898, tendo antes feito parte da commissão administrativa que reorganizou por completo o R. V. C. P. após a grandissima crise administrativa de 1897.

Quando ultimamente foram remodelados os differentes ramos de administração do R. V. C. P. tomou n'elles parte muito activa, e o tourismo velocipedico deve-lhe muitos serviços. Organizando passeios e corridas, e angariando socios para o R. V. C. P., foi sempre o seu sonho a prosperidade d'aquella sociedade, levando a sua dedicação ao ponto de tomar parte em corridas no Velodromo D. Amelia, onde alcançou o primeiro premio dos *Veteranos*.

Nas innumeradas excursões que tem feito, tem affirmado sempre uma notavel resistencia physica, creando para o cyclismo grande numero de adeptos.

Tambem o cyclismo femenino teve n'elle um grande propagandista, ensinando a grande numero de senhoras o uso da bicycleta.

E' o chefe do grupo *Clément*, do Porto, do qual é o mais considerado tourista.

Foi consul da *Union Velocipedica Española* durante algum tempo, tendo sido ultimamente nomeado chefe-consul para Portugal, deixando de representar, a seu pe-

dido, aquella federação. A uma grande modestia allia excellentes qualidades, que lhe teem grangeado um grande numero de sympathias, contando um amigo em cada collega que o acompanha. Muito illustrado, e conhecedor não só de assumptos cyclistas como commerciaes, occupa um logar de importancia na Real Companhia Vinicola, onde é empregado ha muitos annos, sendo consideradissimo pelos seus chefes e collegas.

Eis em poucas, mas sinceras palavras, o que se nos offerece dizer ácerca d'este distincto cyclista, com cuja amizade e affecto muito nos honramos.

J. G.

Ao precedente artigo, em que o nosso obsequioso collaborador traçou o perfil biographico do distincto *sportsman*, seria imperdoavel falta da parte d'esta redacção não fazer um additamento. E' uma simples, mas justa e grata referencia, aos muitos e dedicados serviços de que *O Tiro Civil* é devedor ao sr. Ricardo Garcia y Gomez, na sua qualidade de correspondente e representante d'este jornal no Porto, serviços que não podemos nem devemos deixar no olvido, e que, aproveitando o ensejo, muito reconhecidos lhe agradecemos aqui publicamente.

Raphael Bordallo Pinheiro

Lisonjeado, aclamado, volta do Brazil Raphael Bordallo Pinheiro, tendo colhido mais uma d'essas consagrações que são para o artista o maior premio.

Quando uma phantasia do seu plastico talento lhe mostrou na ceramica novo e largo espaço para soltar o vôo, elle abandonou as lides audaciosas da caricatura, em que o seu nome engrandecera, para ir descansar, devaneando, á sombra rumorosa do arvoredos das Caldas da Rainha. D'esses devaneios creadores, sahio-lhe acrescentada a fama, pelo condão que possui de insufflar vida nova áquillo que a sua inspiração toca. Essas faianças já velhamente pittorescas, transformaram-se, não fallamos das suas tentativas industriaes, pois só como artista devemos encerrar Raphael Bordallo, e, com prazer, n'esses barros deliciosos e quebradiços vamos encontrar o caricaturista festejado, cujo nome a historia da arte portugueza estampará nas suas melhores paginas.

Embora batendo as palmas de vél-o, envergando a blusa de Palysy, apresentando finos productos d'uma arte de tradição e fórmias, puramente nacional, é sempre ao grande creador do *Antonio Maria* que vão os nossos maiores applausos, pois consideramos esses volumes, publicados de 1879 a 1884 como a obra d'arte mais culminante e mais vivida, realisaada em Portugal no nosso tempo. O valor d'esta obra extraordinaria, começada no *Antonio Maria* continuada nos *Pontos nos ii*, ainda não está devidamente julgado. Quando nenhum de nós, seus contemporaneos, existir já, quando as paixões e idéas que nos tem movido tiverem passado para dar logar a idéas e paixões novas, é que essa obra, isolada d'apoio e d'invectivas, sacudida a pocira da opinião que a turva a nossos olhos, ha de elevar-se monumentalmente bella, singular padrão artistico a perpetuar a historia dos nossos dias.

Essa galeria unica de retratos, que começa a apparecer logo que abrimos os primeiros numeros do *Antonio Maria*, e em que cada personagem é representado sob todas as fórmias, vivendo n'uma reali-

dade intensa, acompanhado d'accessorios anecdoticos que caracterizam o meio em que se agita, é dada com um poder superior d'arte e, assim como os *Caprichos* de Goya nos legaram viva a Hespanha do seu tempo, as caricaturas de Bordallo conservarão para a historia as figuras animadas de todas as individualidades que com elle viveram.

Este trabalho grandioso fatigando-o, elle refugiou-se no eden das Caldas. Descrever as maravilhas de graça artistica que a sua opulentissima imaginação tem feito realizar com o fragil barro caldense não caberá aqui.

Aproveitando os ricos modelos nacionaes, sendo uma das suas nobres aspirações restituir quanto possivel á arte portugueza o seu cunho de originalidade, elle ornamenta esses modelos da maneira mais caprichosa e rica, tem jarrões que são poemas, talhas que entoam symphonias, e a sua veia humoristica, passeiando atrevidamente pelo barro, imprime-lhe o cunho pessoal do seu talento.

A visita ao Brazil deve ter deixado no animo de Raphael Bordallo a mais grata impressão e nós, folgando com a sua volta, felicitamol-o pelo justo acolhimento que as suas queridas faianças obtiveram além-mar.

RIBEIRO ARTHUR.

Graça e Silva

A figura d'este esplendido rapaz, morto aos 20 annos pela tuberculose, quando a vida entrava de abrir-lhe no coração a alegria de viver, ainda a tenho bem patente aos meus olhos.

Vi-o a primeira vez no escriptorio do pae, o nosso amigo Libanio da Silva, aquelle arrojado editor dos *Novos*, e tambem conhecido pelos seus escriptos: Era magro e franzino de corpo, muito affavel no trato, quasi timido como uma creança, mas de olhar firme e resolutivo em contraste com a sua fraqueza physica. No entanto o peito elevado, os hombros largos e o andar batido com força, casavam bem com os seus olhos masculinos.

A apresentação foi rapida, e, comtudo, o typo sympathico d'esse rapaz deixome boa impressão. Aquelle mixto de fraqueza e virilidade pareciam traduzir uma evolução da força que se vinha accentuando.

Passou-se depois algum tempo sem o vêr.

Um dia, porém, matriculando-me eu e o França Borges na aula de esgrima do sr. Antonio Martins, ahi o encontramos. Elle era doído pela esgrima e o distincto mestre d'armas considerava o como um discipulo dilecto, já um auxiliar.

Então, quem o visse ahi, agil e esforçado, um combatente incansavel nos assaltos do florete, antes o diria um forte. Quando o sr. Antonio Martins estava mais atarefado, era o Graça e Silva quem nos dava a licção.

Desde esse momento comeci a admirar-o na sua bondade e diligencia, no seu esforço e doçura extrema em nos ensinar. Nós, como principiantes desatremavamos a cada nova posição; umas vezes era o braço que descia; outras vezes a perna que flexionava demasiado.

Pois o Graça e Silva não tinha uma palavra de aborrecimento; muito docil, praticava elle mesmo á nossa vista as posições a fazer; e assim todos os dias.

Depois, quando cançavamos, elle começava um assalto em fórma com o mestre e d'ahi lepido como uma cobra, passando

sob o florete do adversario a procural-o attingir n'uma estocada rapida, olhava para nós e sorria docemente, como que a indicar-nos o que deviamos aprender.

Mas o eximio mestre d'armas imperturbavel defendia-se e a seu turno atacava, conseguindo algumas vezes tocal-o. N'um repente, o Graça e Silva voltava á primeira posição e assomando-lhe aos labios, um bello sorriso de franqueza tão natural como o seu encarniçamento na lucta, gritava:

— *Touché*; e preparava se para novo assalto.



Augusto da Graça e Silva

Fallecido em 30 de junho de 1899

Eu gostava immenso de assistir áquelles combates magistraes e por isso esperava até o fim.

Uma vez, terminado o ultimo assalto, eram 7 horas, o Graça e Silva, lavado e vestido com o seu trajo de rua, quasi sempre invariavel e sempre correcto, fato escuro e um *par-dessus* claro, chapéu baixo de abas largas, (isto era no inverno), saíu commigo.

Julguei-o cançado e subindo com elle a

rua do Alecrim dispunha-me a acompanhá-lo até casa, porque era aquelle tambem o meu caminho. Mas, no Largo das duas Igrejas, elle volta-se para mim, alegre e despede-se. Ia á Academia das Belas Artes.

— Pois quê, gritei-lhe eu, você não está cançado?

Não senhores, aquelle rapaz delgado não cançava facil ás affadigas da sua esgrima predilecta, porque realmente era um forte; e quando o meu espanto se mostrava por esse facto, outro espanto maior foi o meu, sabendo-o aprender pintura.

— Esgrima e pintura! disse eu commigo, admirado. Que duas vocações tão divergentes!

Pois apprendia a pintar por vocação, o Graça e Silva, e isso me foi revelado um dia ao vêr umas aguarellas de principiante que elle começava a esboçar. A mancha da côr tinha uma certeza immensa, a linha era firme: porque aquelles dois braços tão dedicados ao florete compartilhavam o mesmo amor pelo pincel em que devia, igualmente, ser eximio.

Ora aqui teem quem era este bello rapaz, que este jornal hoje apresenta prestando um preito merecido á sua memoria, e eu escrevendo estas simples palavras, quero ao mesmo tempo deixar bem nitida a minha lembrança á bondade e á dedicação do querido morto.

FERNANDO REIS.

ESGRIMA

Sr. Redactor.

Lisboa, 11 de setembro de 1899.

Recebi a amavel carta de v. e respondo:

Com respeito ao publicar a minha ultima carta será muita honra para mim e eu não aspiro a tanto. Dirci que a carta não está capaz e talvez que, corrigindo-a, fique alguma coisa de geito, no entanto v. fará o que melhor entender.

Infelizmente no nosso paiz ha falta de muita coisa, mas procurando-se bem, encontra-se o sufficiente para remediar.

Se v. quizer uma autoridade sobre theorias

de esgrima poderei indicar uma, que é distincto official de cavallaria e um escriptor primoroso.

Quanto a mim, embora me preze de saber alguma coisa praticamente, não tenho meritos que me recommendem para escrever e tratar de esgrima. Sei tratar de esgrima mas é com o florete, espada de combate ou sabre, porém, com a penna sou inepto.

Apezar d'isso irei descrevendo a pouco

e pouco os nossos salões de esgrima e se as minhas narrativas tiverem algum geito, unicamente isso me animará a proseguir; no caso contrario porei a penna de lado e empunharei o florete, arma com que me entendo razoavelmente.

Em Lisboa ha algumas salas d'armas e em Portugal ha mais do que muitos imaginam.

Temos em primeiro logar a Escola Nacional de Esgrima fundada por Antonio Martins e mais 50 a 60 individuos.

Ninguem ignora que a esgrima em Portugal está atrazadissima, e, se não fosse a persistência de um homem, o nosso primeiro professor d'esgrima, Antonio Pinto Martins, decerto já teria morrido e nunca mais se fallava em tal assumpto, apezar d'este nobre *sport* ser a gymnastica mais completa e mais util.

Mas a lucta constante, de ha 20 annos para cá, que Antonio Martins tem sustentado, tem sido admiravel, e para mais veja-se que os melhores professores d'esgrima existentes em Portugal foram ou são seus discipulos.

Antonio Martins actualmente dirige a ENE (Escola Nacional de Esgrima), que, segundo o cabeçalho, trata só de esgrima e alli pratica-se a esgrima franceza por ser a mais pratica e a que melhor se adapta a qualquer organização individual.

A ENE, possui actualmente perto de 160 socios.

Conforme mais acima digo, foi fundada por 50 a 60 individuos, cabendo a iniciativa a Antonio Martins e mais 4 dos seus discipulos os srs. Candido do Carmo Fernandes, Carlos Mendes Alçada de Paiva, Valentim Duarte Pinto e Augusto de Sousa Magalhães.

Depois de varias reuniões tratou-se do aluguer da casa, e, na rua do Alecrim, 69, r/c, encontrou-se uma regular, embora esteja longe de ser apropriada para a esgrima. Aqui, n'esta casa, em abril de 1897, se fundou a Escola Nacional de Esgrima que ainda alli continua com todo o afan produzindo bastantes discipulos e professores.

Collaboraram nos estatutos o director Antonio Martins e os fundadores Valentim D. Pinto e A. S. Magalhães.

Não sei qual a razão de ainda não serem apresentados á respectiva auctoridade para serem approvados e distribuidos pelos socios.

Quando se abriu a Escola Nacional de Esgrima, tinha proximo de 200 socios e o corpo docente formado por:

Director — Antonio Pinto Martins.

1.º ajudante e professor — Luiz Pinto Martins.

2.º ajudante e professor — Augusto de Sousa Magalhães.

Secretario — Valentim Duarte Pinto.

Fury dos assaltos

Presidente — Conselheiro Montufar Bareiros.

Vogaes — General Arbués Moreira (já fallecido); general Pimentel Pinto; general Dantas Baracho; capitão de fragata Baldaque da Silva; coronel Arbués Moreira e Jorge O'Neill.

Todos estes individuos, os professores d'esgrima e mais 10 a 12 socios são tambem socios technicos.

Ha mais de 20 mezes que Luiz Pinto Martins deixou de exercer a profissão por motivo de saude.

Em 25 de março de 1898 deu a ENE, a sua primeira festa para apresentação dos seus discipulos.

Esta festa teve logar no salão da Trin-

dade e foi bastante concorrida, não faltando Sua Magestade El-Rei. A imprensa por essa occasião fez a critica dos assaltos e por isso escuso-me de fallar n'elles. Demais, todos que assistiram devem estar lebrados da boa impressão que lhes deixou os intrepidos esgrimistas que tomaram parte.

Este anno tambem a ENE, deu uma festa para apresentação de novos discipulos e dos alumnos menores de 13 annos que causaram admiração, pois pareciam esgrimistas de grande reputação. Para o anno proximo preparam-se alguns assaltos de sensação.

Os esgrimistas mais assíduos que frequentam a ENE, são: Candido C. Fernandes, Ferreira de Castro e irmão, Pinto Coelho e irmão, Dias Amado, dr. Daniel Filipe dos Santos, M. G. Bordallo Pinheiro, visconde de Reguengos, A. Teixeira Sampaio, José Luiz Martins, etc., etc.

A ENE, abre todos os dias das 4 ás 7 horas da tarde e ás segundas, quartas e sextas, das 8 á meia noite.

A biographia de Antonio Martins já é por demais conhecida, por isso fica para outra occasião.

Por hoje termino pois já vae longa.

De v.
S. A. M.

VELOCIPEDIA

O cyclismo no Brazil. — Corridas no velodromo D. Carlos. — Corrida de seis horas em Berlim. — O Grand-Prix do outomno da U. V. F. — Outras corridas. — Recordos. — Varias noticias.

A julgar pela leitura dos jornaes brasileiros que recebemos, o cyclismo tem adquirido no Brazil, a par de outros *sports* ali tambem cultivados com interesse e entusiasmo, um grande e notavel incremento. De facto os referidos jornaes trazemnos frequentemente noticias de corridas velocipedicas realisadas n'aquelle paiz, com a assistencia de numerosos espectadores. Egualmente noticiam a installação de novas associações cyclistas, a construcção de novas pistas, emfim, tudo quanto revela que n'aquelle paiz se propugna e trabalha com ardor pela causa do cyclismo, sem desalentes perante contrariedades ou más vontades. Verdade seja que o exemplo vem do alto, do primeiro magistrado da nação, o dr. Campos Salles, que é um adepto fervoroso do pedal.

Referindo-se ao enthusiasmo cyclista do presidente da republica, escreve o semanario brasileiro *A Semana Sportiva* em um dos seus numeros que temos presente:

«Depois da sua viagem á Europa, tão fertil em resultados para o Brazil, o nosse illustre presidente viu que os homens mais notaveis do velho mundo procuravam nos exercicios velocipedicos um meio salutar de distracção, e, comprehendendo o valor d'esses exercicios, a elles se entregou tambem, tornando-se um cyclista apaixonado.»

Seguindo o exemplo do presidente da republica, revela o povo brasileiro a sua elevada e nitida comprehensão das exigencias da civilisação e progresso dos nossos dias, entre as quaes tem os *sports* um logar dos mais proeminentes.

Depois de um longo interregno de mais de um anno de completo abandono, o Ve-

lodromo D. Carlos, em Algés — que já chegou a estar condemnado ao camartello demolidor — volta a ser aproveitado, á falta de outro em melhores condições, para umas corridas que n'elle se devem realisar no dia 15 do corrente mez de outubro.

Deve-se a iniciativa d'essa diversão, de um genero tão descurado entre nós e tanto em voga nos principaes paizes estrangeiros, a um corredor inglez que actualmente se encontra em Portugal, e que conseguiu que dois dos nossos mais conhecidos e sympathicos cyclistas se encarregassem de realisar o seu plano.

As corridas annunciadas, e ás quaes serão admittidos corredores profissionais e amadores, nacionaes e estrangeiros, são em numero de sete, subordinadas ao seguinte programma:

1.ª *Amadores*, 4 voltas. Premios:—uma medalha de ouro e duas de prata.

2.ª *Nacional*, profissionais, 4 voltas. Premio unico, 20\$000 réis.

3.ª *Amadores*, 8 voltas. Premios:—uma medalha de ouro e duas de prata.

4.ª *Internacional*, 5 voltas. Premios:—1.º 50\$000 réis, 2.º 20\$000 réis, 3.º 10\$000 réis.

5.ª *Amadores*, tandens, 6 voltas. Premios:—1.º equipo duas medalhas de vermeil, 2.º duas medalhas de prata.

6.ª *Consolação*, profissionais, 2 voltas. Premio unico:—5\$000 réis.

7.ª *Consolação*, amadores, 2 voltas. Premio unico:—medalha de prata.

Sabemos estarem já inscriptos, entre outros, os corredores portugueses José Bento Pessoa, José Maria Dionysio e Antonio Lopes, e o inglez a que acima nos referimos e cujo nome ignoramos; e é de crer que até ao dia 12 do corrente, em que fecha a inscripção, muitos outros se apresentem a dar os seus nomes para o projectado certamen.

O velodromo de Algés, cuja pista estava em deploravel estado, tem andado em obras que devem concluir brevemente, contando-se que já hoje elle fique em estado de ser franqueado aos corredores que desejem treinar se.

Muito estimaremos que estas corridas, cujo inesperado annuncio causou verdadeira sensação entre os amadores de taes diversões, sejam o inicio de um periodo de resurgimento do *sport* cyclista entre nós, e que o seu exito, quer sportivo quer pecuniario, corresponda á boa vontade e diligencias dos seus promotores.

Na pista de Friedenau, em Berlim, disputou-se em 17 do mez ultimo uma corrida de seis horas, a qual, tanto pela importancia dos premios como pelo valor dos concorrentes que n'ella tomaram parte, é sem duvida a mais importante prova de meio fundo que se tem effectuado no corrente anno.

O total dos premios attingiu a importante somma de 16:600 marcos (3:735000 réis, ao par). Nunca na Europa houve uma corrida velocipedica com premios tão valiosos, e na America só uma vez essa quantia foi excedida, n'um match realiado em 1896 entre Michael, Lesna e Mac-Duffee, que partilharam entre si nada menos de 5:000 dollars, (4:500\$000 réis).

Além d'isto a distribuição dos premios constituiu uma innovação. Os corredores que em cada hora, decorrida cobriam maior numero de kilometros, receberam as seguintes importancias:

Na 1.ª hora 800 marcos ao 1.º, 200 ao

2.º e 100 ao 3.º; na 2.ª 900, 300 e 150 respectivamente; na 3.ª 1:100, 400 e 200; na 4.ª 1:200, 600 e 300; na 5.ª 2:000, 800 e 500; na 6.ª 4:000, 2:000 e 1:000.

Como era de prever, attendendo ao valor dos premios e á bella organisação da corrida, alistaram-se para disputal-a os principaes corredores europeus, e a concorrência de espectadores no velodromo foi enorme, sendo grande e geral o enthusiasmo.

Vejamos os resultados hora a hora:

1.ª hora:—1.º Taylor, 54 kil. 680 m.; 2.º Walters, 54 kil. 10 m.; 3.º Bonhours, 53 kil. 400 m.

2.ª hora:—1.º Taylor, 106 kil. 250 m.; 2.º Walters, 105 kil. 755 m.; 3.º Bonhours, 104 kil. 780 m.

3.ª hora:—1.º Walters, 157 kil. 350 m.; 2.º Taylor, 155 kil. 830 m.; 3.º Bonhours, 155 kil. 100 m.

4.ª hora:—1.º Walters, 203 kil. 460 m.; 2.º Bonhours, 201 kil. 650 m.; 3.º Fischer, 193 kil. 540 m. (Walters e Bonhours bateram o recorde do mundo que pertencia ao primeiro, e que era de 196 kil. 660 m.).

5.ª hora:—1.º Walters, 250 kil. 490 m.; 2.º Bonhours, 246 kil. 180 m.; 3.º Fischer, 238 kil. 940 m.

6.ª e ultima hora:—1.º Walters, 293 kil. 135 m.; 2.º Bonhours, 287 kil. 390 m.; 3.º Fischer, 279 kil. 950 m.; 4.º Robl, 262 kil. 420 m.; 5.º Huret, 259 kil. 470 m.

Foi pois tambem batido o recorde das 6 horas que pertencia a Cordang com 285 kil. 750 m.

Quanto aos premios:—Walters recebeu 8:800 marcos (1:980\$000 réis); Bonhours, 3:850 marcos (866\$250 réis); Taylor, 2:100 marcos (472\$500), Fischer, 1:850 marcos (416\$250). Huret, Baugé, Robl e Koecher, não tendo sido em nenhuma das 6 horas dos tres primeiros, nada receberam; correram durante aquella tempo gratuitamente, o que decerto lhes não foi agradavel.

Em 17 de setembro correu-se no Parc des Princes, de Paris, o «Grand-Prix de Outomno» da União Velopédica de França, em series, provas de repescagem, meias finais e final, com premios de 1:000, 400 e 200 francos, e 100 francos a cada segundo das meias finais.

Esta prova, que despertou grande interesse, e é de crêr que venha a tornar-se classica foi corrida na distancia de 666 m., 66 c., e teve o seguinte resultado:—1.º Jacquelin, 2.º Banker, 3.º Louvet. Tempo, 1 m. 1 s. ³/₅.

No mesmo dia e na mesma pista effectuou-se uma corrida de tandems em tres series e uma final, sendo admittidos a esta sómente os primeiros equipos das series. Distancia 2:000 metros. Resultado da final:—1.º Jacquelin-Bonker, 2.º Bourotte-Gougoltz, 3.º Barlajat-Thnau. Tempo, 3 m. 15 s.

Effectuou-se em Londres uma corrida de 12 horas, que despertou grande enthusiasmo, e cujo exito sportivo a torna digna de menção.

O resultado foi o seguinte:

- 1.º Montgomery, 267 milhas, 400 jardas, (429 kil. 963 m.)
- 2.º J. Mills, 256 milhas, (411 kil. 904 m.)
- 3.º Legg, 252 milhas, 411 jardas, (405 kil. 837 m.)
- 4.º Castelli, 251 milhas, 159 jardas, (404 kil. 2 m.)

E' importante a distancia coberta por Montgomery, attendendo sobretudo a que não foi permitido o treinamento automovel.

O campeonato d'Austria, amadores, (50 kilometros) corrido no velodromo do Prater, de Vienna, foi ganho por Kunek em 1 h. 3' 58'' ²/₅.

Corrida de uma hora com treinadores no velodromo do Parc des Princes:

1.º Simar 54 kil. 866 m.; 2.º Champion, 48 kil. 200 m.; 3.º Huret, 45 kil. 500 m.

Esta corrida foi quasi toda feita debaixo de uma chuva torrencial, o que, como é bem de suppôr, prejudicou immensamente os corredores; pelo que só se torna digna de reparo a tenacidade d'estes em levarem a cabo a lucta, não obstante a con-

trariedade do mau tempo, com que arrosaram valentemente.

O recorde da hora, que pertencia a Taylor, e fôra ha pouco batido por Bor, com 58 kil. 53 m., voltou a ser propriedade do primeiro d'estes corredores. De facto, em 12 do mez ultimo, Taylor, no Parc des Princes, cobriu na hora 58 kil. 980 m., isto é, mais 927 metros que o seu competidor.

Espera-se que Bor torne a disputar a posse d'este recorde, e que d'este modo sejam dentro em pouco ultrapassados os 60 kilometros na hora.

Tratando-se do recorde que mais disputado tem sido, julgamos interessante dar uma nota dos seus successivos progressos desde a sua origem até ao presente.

Data	Pista	Detentor	Distancia kilometrica
25 de março de 1876	Cambridge	Dodds	25,508
25 de maio de 1877	"	Shopee	26,960
10 de maio de 1878	Oxford	Weir	28,542
9 de julho de 1879	"	Christie	30,374
24 de setembro de 1880	Surbiton	Cortis	31,896
27 de julho de 1882	Crystal Palace	"	32,453
2 de agosto de 1882	Surbiton	"	32,474
11 de setembro de 1884	Newcastle	English	32,707
13 de agosto de 1888	Long Eaton	Laurie	33,013
28 de julho de 1890	Paddington	Turner	34,008
29 de julho de 1890	"	Meeredy	34,550
6 de setembro de 1890	"	Lloyd	34,798
17 de setembro de 1890	"	Parsons	36,605
14 de julho de 1891	"	Ede	36,626
15 de julho de 1891	"	F. Osmond	38,162
25 de maio 1892	Herne Hill	Ede	38,425
14 de agosto de 1892	Paris-Buffalo	Fournier	39,322
23 de setembro de 1892	"	Dubois	39,907
28 de julho de 1893	Herne Hill	E. Osmond	40,173
31 de agosto de 1893	"	Stocks	40,867
22 de setembro de 1893	Springfield	Meintjes	41,888
12 de agosto de 1894	Paris-Buffalo	A. Linton	41,949
23 de agosto de 1894	Bordeaux-Parc	Dubois	43,325
17 de setembro de 1894	"	Bouhours	44,185
3 de novembro de 1894	"	A. Linton	45,433
29 de junho de 1895	Dijon	Lesna	45,700
1 de setembro de 1895	Paris-Buffalo	Michael	46,002
26 de setembro de 1895	Pista Municipal	Bouhours	46,440
14 de outubro de 1895	Londres-Catford	Stocks	46,711
14 de maio de 1896	Londres-Wood Green	Chase	46,940
19 de maio de 1896	Paris-Sena	T. Linton	48,455
9 de julho de 1896	Londres-Catford	"	49,893
3 de outubro de 1896	Crystal-Palace	Stocks	50,393
21 de outubro de 1896	"	T. Linton	50,420
10 de julho de 1897	"	Stocks	51,907
27 de setembro de 1897	"	"	52,490
5 de junho de 1898	Philadelphia	Taylor	54,045
6 de agosto de 1898	"	Elkes	55,831
3 de agosto de 1899	Parc des Princes	Taylor	56,966
8 de setembro de 1899	"	Bor	58,053
11 de setembro de 1899	"	Taylor	58,980

Que enormes progressos de celeridade esta lista nos revela! Mais 1 kil. e 20 metros na hora, e ter-se-ha conseguido correr regularmente n'esse tempo á rasão de 1 kil. por minuto, o que tudo leva a crêr que está para muito breve.

O recorde das 24 horas, que pertencia a Walters, foi batido por Cordang em Haya (Hollanda). A distancia coberta foi de 1:030 kil. 110 m., mais 9 kil. 133 m. que a do recorde de Walters.

Conforme noticiamos, realisaram-se no dia 24, na avenida Todi, de Setubal, as corridas de velociques promovidas pelo Gymnasio Setubalense. Resultados:

- 1.ª corrida—Juniors de 2.ª classe, 500 metros: 1.º premio, medalha de *vermeil*, o sr. Raul Ferreira de Mesquita, 2.º medalha de prata, o sr. Eugène Rouillé.
- 2.ª corrida—Juniors de 2.ª classe, 550 metros: 1.º premio, medalha de *vermeil*, o sr. Francisco Gomes Leite, 2.º, medalha de prata, o sr. Eugène Rouillé.

3.ª corrida—Seniors de 2.ª classe, 600 metros: 1.º sr. José Baptista da Silva, medalha de *vermeil*, 2.º, sr. Francisco Maria Gomes Leite, medalha de prata.

4.ª corrida—Seniors, 1.ª classe, 650 metros: 1.º premio, José Maximo Correia, 2.º, Antonio Gonçalves Marques.

5.ª corrida—650 metros: *Tandens, Junior*; 1.º premio, equipo Raul Mesquita de Carvalho e João Costa.

6.ª corrida—*Tandens, Senior*, 650 metros. Ganharam o 1.º premio José Maximo Correia e Francisco Gomes Leite.

7.ª corrida—*Handicap*, bicyclettas, percurso 650, 630, 615 e 600 metros para os corredores classificados em primeiro logar, nas quatro primeiras corridas.

Foi Eugène Rouillé quem ganhou o 1.º premio, medalha de ouro, offerecida pelo sr. Luigi Pistone.

Em 17 do mez ultimo realisaram-se na Ericeria umas corridas velopédicas promovidas pelo Club Eldrede. Os corredores e socios do Club, em numero de 40, approximadamente, partiram de Cintra pelas 8 horas e meia da manhã, chegando ás 10 e um quarto á Ericeria, onde almoçaram. Pelas 2 e meia da tarde principiaram as corridas, cujo resultado foi o seguinte:

1.ª Juniors, 2:000 metros. 1.º Manuel S. Simões Bayão, 2.º A. A. Casanova da Fonseca.
2.ª Seniors, 4:000 metros, 1.º N. N., 2.º Salgado.
Este ultimo corredor foi victima de um desastre. Quicndo alguns dos seus amigos abraçal-o, na occasião em que elle chegava á meta, trazendo grande velocidade, fizeram-n'o cair, do que resultou ferir-se n'um braço.

MAGALHÃES FONSECA.

TAUROMACHIA

Necrologia taurina

Os jornaes da tarde do dia 16 de setembro disseram que, por telegramma vindo aos bandarilheiros Calabaça e José dos Santos, se sabia ter fallecido Alfredo Tinoco no Pará.

No dia seguinte o *Século* confirmou o informe e então com telegramma directo d'aquella cidade enviado pelo correspondente do referido jornal, ao passo que os mesmos jornaes que na vespera tinham propalado o triste boato o punham em duvida fundando-se em diversas razões.

Hoje, infelizmente, não resta duvida que o valente e donairoso cavalleiro Alfredo Chaves Tinoco da Silva não pertence ao numero dos vivos, motivo porque, dando os nossos pezames aos *aficionados* portuguezes, enviamos tambem á familia do extinto a nossa condolencia pelo desgosto que a afflige.

— Os jornaes hespanhoes trazem-nos a noticia do fallecimento de diferentes *diestros*, mortos por doença ou por desastre, no visinho reino.

O primeiro foi o novilheiro Valentin Conde que no dia 9, lançando de capa um touro toi por este colhido ficando com a arteria jugular cortada por uma certa cornada.

O desgraçado toureiro, que poucos minutos durou apoz a colhida, era o unico amparo da sua velha mãe, tendo sido antes colloborador de um jornal de Madrid.

Tres dias depois, em Fitero, um touro chamado *Navarrico* que se lidou em terceiro logar saltou as taboas sobre o espada José Rodriguez

(*Pepete*), e enganchando-o atirou-o para a arena gravemente ferido, vindo o infortunado *diestro* a morrer na tarde de 14 depois d'uma breve agonia.

José Rodriguez havia nascido em 1867 na cidade de S. Fernando; contava portanto 32 annos de idade.

— Emilio Torres (*Bombita*), o espada que ainda ha pouco soffreu uma grave colhida que por pouco o não deixou inutilizado, perdeu no dia 13 o seu bandarilheiro Antonio Yedro (*Ostioncito*), que falleceu n'aquelle dia em Madrid victimado por uma pneumonia infecciosa.

Ostioncito foi um dos toureiros que se casou quando ha pouco Reverte, *Algabeño*, *Bomba* e *Pulguita* contrahiram tambem o matrimonio com gentiz andaluzas.

A 7 do mez findo o picador *contratista* de cavallos Rafael Huceta (*Colita*), morreu em Gijon em resultado de uma punhalada que lhe deu um mono sabio, com quem se envolveu em desordem.

— E por ultimo Miguel Almedro, ex-bandarilheiro das *cuadrillas* de *Guerrita* e *Algabeño*, houve por bem disparar contra si um tiro de revolver na madrugada de 9 do mesmo mez.

Que todos descansem em paz.

E. D'A.

Caldas da Rainha

Realisaram-se durante o passado mez d'gosto duas corridas na praça de touros d'esta villa.

Teve logar a primeira no dia 15, por occasião da feira annual Correram-se n'esta tarde 12 touros de Correira Branco, de Coruche, que eram bonitos e muito bem armados mas sahiram ordinarios.

Os cavalleiros: Fernando d'Oliveira trabalhou bem nos seus e Joaquim Alves que toureou tres por um se não prestar á lide teve um bello e correcto trabalho pelo que foi muito applaudido assim como o seu collega.

O espada Carrilho pouco fez ainda que mostrou desejos de agradar, e os seus bandarilheiros Salvador Antolin e Pedro Recorte estiveram diligentes tendo este tres bellos passes.

Dos nossos distinguu-se Theodoro que esteve incansavel toda a tarde e Cadete que tambem teve pares de muito valor. Torres Branco e Manoel dos Santos somente tiveram um bom par cada um.

A *troupe* Dó-Ré Mi fez o costumado e estúpido intervalla comico e os forçados fizeram algumas pégas e correndo a direcção, a cargo do sr Batalha, regular.

A casa cheia completamente.

— A segunda corrida, de 27, foi promovida por uma commissão composta dos srs. visconde de Sacavem (José), Nuno Queriol, Victorino Froes, Henrique Salles, Manuel Figueira e D. Angel Delgado e Delgado, em beneficio da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios Caldenses. Foram corridos 10 garraios pertencentes a Emilio Infante e Victorino Froes que cumpriram muito bem e foram lidados por distintos e conhecidos amadores dos quaes passo a dar os nomes:

Cavalleiros: Alberto O'Neil, dr. Augusto d'Assis e D. Nuno Almada.

Bandarilheiros: Pedro de Figueiredo, Henrique Salles, Alexandre Caldas, Julio Correia dos Santos, D. Francisco da Cunha Menezes (Lumiares), J. Alves do Rio e Luiz Sabugal.

Forçados: D. Luiz da Cunha Menezes (Lumiares), D. Ruy de Siqueira (S. Martinho), Vasco Sabugosa, V. Peixoto, Madeira Tavares, Francisco Gomes e Tito da Costa.

Moços de curro: Thomaz Borges de Sousa, Jayme Augusto Aguiar, João Coimbra, José Maria de Noronha, Thomaz Eça Leal, Fernando A. Pinto Viegas e João da Silva Lemos Guimaraes.

Carcas: Eurico de Morass e Alberto Tinoco. Todos estes rapazes trabalharam com uma enorme boa vontade fazendo o possivel para bem cumprir o seu dever o que conseguiram muito distinctamente e pelo que foram bem dignos dos muitos applausos que receberam.

A direcção da corrida a cargo de Victorino Froes foi muito boa, menos em consentir que um dos forçados passasse de muleta o ultimo bezerro, expondo-o assim ao desagrado do publico, pois que o pobre rapaz nada sabe e não tinha mais que vontade.

A casa esteve cheia nos camarotes boa na sombra e regular no sol.

Na noite seguinte á da corrida foram oferecidos no salão do club, por distinctas damas da nossa primeira sociedade, a todos os lidadores, umas elegantes medalhas de prata commemorativas d'esta encantadora festa que gratas recordações deixa no espirito de todos que a ella assistiram.

F.

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.ª New York America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espanol* at cães.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

DOPE MANUFACTURING CO. HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.ª

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Companhia Industrial Productora

DE

PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

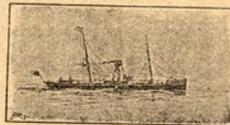
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couches para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lagos do Pico, Fayal, Flores e Coroa.



Sae o vapor *Açor* commandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de outubro ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote, 730 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES

MACHINAS PARA COSER

CA. SINGER

MARCA DE FABRICA DE NEW YORK

PARA FAMILIAS E INDUSTRIAES

POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º